

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1542
Quarta-feira, 5 de Dezembro de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Léon Daudet, o reaccionário francês caluniou os anarquistas acusando-os de terem assassinado o seu filho, Filipe Daudet

A CONFERENCIA SOCIALISTA

A Conferência Regional das organizações socialistas do sul do país foi o reflexo da apatia e do desânimo em que o partido socialista se encontra. As três rápidas sessões em que essa reunião se sub-dividiu decorreram serenas. Foram tristonhas e macambúscas a ponto de que nem as blagues e as diatribes de Ramada Curto e Amâncio de Alpoim contra o sindicalismo conseguiram dar-lhe animação e vida.

Na entrevista concedida a um jornal da noite o dr. Ramada Curto declarou que dentro da conferência não houve intervenções e anti-intervencionistas. Houve uma única corrente: a socialista. Maneira habilíssima de subtilizar a falta de entusiasmo socialista que se verificou na conferência. Antes tivéssemos havido correntes diversas. Pior do que as correntes foi a temperatura de carapinha-da em que a reunião se regelou.

O srs. Ramada Curto e Amâncio de Alpoim vão de certo contribuir para dar ao Partido Socialista horas mais difíceis arrojando-o contra os sindicalistas. Custa de facto a compreender que existe a preocupação pública e partidária de marcar uma posição hostil ao movimento das massas operárias organizadas. Jaurés, o maior orador do socialismo internacional quando se referia ao sindicalismo fazia-o em frases elogiosas como estas:

«Não é a luta dum grupo ou duma categoria de operários contra este ou aquele patrão; é a luta de todo o proletariado contra todo o patronato. O sentimento duma grande luta, duma grande revindicação de classe, vibra em cada luta, em cada revindicação parcial. A grande luta colectiva da classe operária, ganha forma e vida em cada assalariado, na experiência das suas próprias lutas e das lutas do grupo imediato. Estas lutas parciais adquirem toda a sua amplitude na ideia da grande luta comum. Porisso o sindicalismo, desperta nos assalariados, a energia, a iniciativa individual, o sentido das responsabilidades pessoais e imediatas; o sentido do grande esforço colectivo, o entusiasmo das grandes esperanças solidárias. O sindicalismo é a ideia e o facto, o pensamento e a acção, o presente e o futuro.

Aos srs. Ramada Curto e Amâncio de Alpoim damos-lhe como resposta Jaurés, que foi o chefe mais prestigioso do socialismo francês e o seu maior representante no parlamento de França. Que admira que sejam contra o sindicalismo se até em oposição ao socialista moderado, que foi Jaurés, se colocam! Não residirá neste mesmo antagonismo a debilidade socialista da última reunião socialista?

Afastando-se das massas operárias com a declaração categórica do antagonismo ao seu movimento colectivo, que rumo tomará o partido socialista? Não é fácil prevê-lo, visto que dum lado se encontra o sindicalismo com a consciência dos seus métodos e dos seus fins e do outro o partido radical com as suas furibundas declarações contra a política que serve as chamadas forças vivas.

Mesmo para se seguir um rumo bom ou mau é preciso poder caminhar. O socialismo português a amputar, como tem feito, as próprias pernas, fica logo eternamente amarrado ao rochedo solitário, eternamente batido pelas ondas. O sol de Monsanto que iluminou o partido teve o ocaso dos Bairros Sociais. Nascerá para o socialismo um novo sol ou ficará solitário sob os raios frios duma lua eterna?

CAUSAS JUSTAS

Os tipógrafos dos jornais

O seu pedido de aumento de salário não pode — nem deve ser considerado um exagero —

Os gráficos dos jornais diários resolveram reclamar das empresas jornalísticas aumento de salário. A razão dessa reclamação obedece à crescente carestia da vida, e à insuficiência dos salários percebidos nalguns jornais, onde a fêria semanal não atinge uma média de 17500 diários, no trabalho de empreitada.

Como se declarou a greve no jornal *Correio da Manhã*, por este não ter atendido as reclamações do seu pessoal, e certamente porque esta atitude seria tomada para com outras empresas jornalísticas que sistematicamente se recusam a negociar com os seus respectivos quadros, queremos ouvir um membro da comissão pró-aumento de salário.

Dirigimo-nos à sede sindical. Estava reunido o pessoal do jornal *O Mundo*, que resolveu definir a sua situação ante a respectiva empresa. Imediatamente um componente da comissão nos informou a origem do conflito e a razão das reclamações.

Há mais duns meses—declaramos—que os delegados dos quadros dos jornais reclamam, tendo recebido, após várias sessões, reclamação das empresas jornalísticas 50 000 sobre a Organização de Trabalho e Salários Mínimos.

—Essa organização vigora?—atalhados.
—Desde 17 de Março deste ano. Analizados os oferecimentos de algumas empresas, os quadros gráficos resolveram numa assembleia de delegados com plenos poderes que a base de transição fosse até 30 000.

—E as empresas atenderam? perguntámos.
—Sim senhor! E há algumas que a percentagem que pagam ao seu pessoal atinge 33,3 000 como se no *Diário da Manhã* e *A Tarde*!

—O conflito no *Correio da Manhã* foi então...
—...Declarado em virtude de não terem sido atendidas as reclamações formuladas pelo seu pessoal. Como já lhe demonstrei o nosso pedido de aumento de salário não pode ser tomado à conta duma «incomportável exigência» nem é nosso desejo «tomar a direcção das empresas» ou pôr as facas aos olhos de quem for, como o dá a perceber o jornal em referência numa nota publicada.

—O que deseja a classe que represento e por isso lutará até onde lhe for possível — é que as suas reclamações «materiais» sejam atendidas. Elas não re-

O sentimento do povo foi afogado em sangue pela força dos financeiros; o ódio à guerra guardou-se oculto, porém, forte sempre, no coração do povo, daqueles que tinham, e teem, de dar seus filhos por uma pátria que não é a sua, mas sim a dos capitalistas. Por isso a guerra do Rif é uma guerra impopular, odiosa e odiada por todos, menos por aqueles que nela teem interesses.

Foram levados além do estreito milhares de jovens espanhóis; foi ali levada toda uma geração de homens «que tinham a missão de civilizar os árabes, de ensinar-lhes a ler, escrever, álgebra, trigonometria, engenharia...» a saber roubar legal e politicamente o produto dos seus convulsões. Segundo o dizer oficial, o flamante exército espanhol ia ao Rif levar a felicidade aos seus habitantes, enriquecê-los, ensinar-lhes normas de convivência social e de justiça, de sumo respeito à justiça. Mas os factos são mais fortes e eloquentes do que as palavras, quasi sempre levadas pelo vento.

«Civilização»? Aprecia leitores amigos:

Em uma rua de Melilla, numa das extremidades: Vêde passar os soldados, carregados como burros, sobretudo de munições e espingarda, com uma mania pelo ombro... vão alinhados em quatro e pobremente vestidos; de entre eles não se vê nenhum que pareça professor; seus rostos são de assustados, muldões, com expressões de chipanzés uns, de idiotas outros, de cretinos, de embrutezidos pelo excessivo trabalho e pelo álcool; são indivíduos analfabetos na sua maioria, ignorantes de tudo, sem nenhuma instrução. Não são homens superiores nem medianos, são seres inferiores.

Nasceram em terras selvagens, incultas, pobres em tudo e principalmente em instrução, em terras dominadas pela padralhada e pelos caciques, onde os homens desde a infância levam dura vida de miséria e de escravidão.

Esses homens vão civilizar os mouros... morrendo. Seu passo compassado, marcial, faz que só se ouça um golpe unânime, surdo, quasi sepulcral. São homens que vão morrer sem protestar, sem gestos galhardos, como o ódio no coração, sim; porém, obedecem.

“Solidaridad Obrera”

O diário sindicalista espanhol voltou a publicar-se

Em Espanha as perseguições aos sindicalistas, aos anarquistas, a comunistas e a tudo que esteja evado das modernas correntes revolucionárias intensificaram-se sob o predomínio do exército e do clericalismo espanhol personificados no lantecho militar que é Primo de Rivera. «Este é mi Mussolini» disse Alfonso XIII ao Mussolini do rei Vítor Manuel. Primo de Rivera, general de recepções e de jantares no palácio, cúmplice dos que voltaram com opor-tuna rapidez as costas aos marroquinos, quer ser com a sua espada ferrugenta e sua coragem de trazer pelo palácio do Oriente, o Mussolini para glória de conservadores de arena que berram nas litorais e seu entusiasmo e batem no peito dentro das igrejas o seu batismo religioso, azeando por uma ideia média com salada trágica de circo romano.

Se existe diferença entre o homem e o macaco há evidentemente também diferença entre Rivera e Mussolini. O que neste é ódio é naquele esgar. Manda em Espanha como senhores os que fugiram de Marrocos como covardes. E, a covardia de espadachim de muitas vontades passivas armadas de espingardas e metralhadoras. O padre exulta e aplaude. O burguês, o ventre que se dilata na preguia aplaude uma situação que esmague e dê ao operário o atrofamento físico em troca do trabalho. O operário consciente, inimigo de quem o tiraniza e rouba—eis o inimigo. Inimigo que convém reduzir na sua actividade, inimigo que merece condenação e cárcere, perpétuo.

A perseguição aos sindicalistas dizimou a actividade sindicalista em Espanha. Os mais esforçados elementos ou estão presos ou emigraram. Outros, lutam contra uma reacção armada por poderes formidáveis, apoiada em grandes egosmos.

Apesar de todas as perseguições, apesar da censura à imprensa, reapareceu a «Solidaridad Obrera». A censura mutilou algumas passagens dos seus artigos. Saludamos o seu reaparecimento como uma afirmação de coragem em face da ditadura do sabre e da cruz—da morte e do erro.

OS BILHETES DE TESOURO



—Que me dizas ao caso dos bilhetes de tesouro?
—Óra, que era tudo para a esca... de todos aqueles pés.

ignoramos, mas que trabalham na Vanguarda, segundo informações.

—O moral dos grevistas?

—Excelente! Se a demora das empresas em atender os seus quadros se fizer prolongar, é provável que se proceda a um rateio de trabalho entre os quadros.

Retiramo-nos. A reunião do pessoal gráfico do jornal *O Mundo*, prosseguiu.

Pessoal gráfico do «Correio da Manhã»

Reúnem hoje, pelas 17 horas, na sede do sindicato para um assunto importante, todos os componentes do quadro.

«O Mundo»

A Sociedade Editora *O Mundo* pede-nos a publicação da seguinte nota:

«Tendo o quadro tipográfico de *O Mundo* reclamado novo aumento de salário, com o fundamento, que a Sociedade Editora *O Mundo* não contesta, da carestia da vida, mas não podendo a Sociedade, pela mesma razão alegada, aumentar os seus encargos, já muito superiores às suas receitas, vê-se *O Mundo* forçado a interromper a sua publicação por se ter declarado em greve o seu pessoal tipográfico.

Congresso Nacional Metalúrgico

Reúniu ontem a comissão organizadora que apreciou a circular a enviar aos Sindicatos e vários trabalhos a apresentar: constatando a necessidade de se intensificar a propaganda para a realização do Congresso, deliberando oficial ao Comité Federal do Norte, a fim de estar prevenido para no princípio da próxima semana se iniciar a propaganda naquela zona, assentando-se que o delegado a enviar pela Federação fosse Joaquim da Silva.

AMANHÃ:

Ler em A BATALHA

A Crónica de HAMON

Intitulada:

O Fracasso certo

da política jesuítica

CRÓNICAS DE MELILLA

A “ARTE” DE CIVILIZAR OS POVOS REBELDES

Como um povo que possui 68 por cento de analfabetos pretende civilizar outro Feitos «heróicos» que a História não menciona

E andam, andam, até aos mouros a civilizar os a tiros, á coronhada, a canhão; a arrazar-lhe os aduares e as kabilas, incendiando e matando jovens e velhos, semeando de sal o solo que antes foi vivenda de gente laboriosa.

E andam, andam a civilizar... se os outros deixam e não lhes respondem com a espingarda e as emboscadas.

Agora, desta colina, vejamos aquêde vale:

Além, em baixo, há um pequeno povoado, onde os moradores passam a vida trabalhando, comendo, amando e envelhecendo para por fim morrer como morre todo, homens e coisas. É um povoado mourisco. Os homens vestidos empunham as armas para defender as terras do Rif, invadidas pelos espanhóis. Em casa, quer dizer, no povoado, só ficaram os velhos que perderam a agiliade com a juventude e que não podem empunhar as armas, e as mulheres com seus filhos de menor idade.

De repente vemos um esquadrão que aparecendo de um desfiladeiro, aproxima-se a galope caminho do povoado. É preciso acercarmos-nos mais ao povoado para ver o que se passa. Já estamos. A cavalaria dos espanhóis chega; os soldados levam o sabre na mão; irrompem como uma tempestade sem descer cada um de seu cavalo, com uma mão prendem a cabeleira das mulheres e com a outra, esgrimindo a acurada fôlha do sabre, lhes cortam a cabeça. Igual sorte correm as crianças de ambos os sexos; todos morrem decapitados horrivelmente.

Várias mulheres ao ver os heróis do assassinato e do saque, fugiram e foram as únicas que escaparam com vida. Os demais moradores todos pereceram. Só uma jovem que cuidava de seu velho pai não quis fugir; era uma jovem formosa e desenvolvida de uns dezoito anos.

Primeiro gosaram-a os estrelados, uns depois de outros. Em seguida os soldados continuaram gosando a mulher violada pelos seus chefes. O último que lançou seu corpo sobre o dela, depois de sentir o espasmo da voluptuosidade, cravou-lhe o sabre no ventre deixando-a sem vida.

Depois, a soldadesca lançou fogo às casas, realizando assim um grande acto de «civilização e de penetração pacífica».

Não te cances, querido leitor, lendo os meus débeis reflexos.

Em pleno acampamento:

Dois soldados, invictos guerreiros, saem do acampamento armados até aos dentes caminho da fonte a buscar água com que aplacar a sede.

Chegam! Depara-se-lhes um árabe que acabava de encher seu cântaro e se retirava. Os «filhos de Espanha» insultam o homem mourisco ofendendo-lhe sua mãe. Este, que não é covarde, responde-lhe na mesma moeda; e então, os soldados, com a simplicidade de degenerados, lançam-se sobre o mourisco, derrubam-no e partindo uma bilha de vidro negro, com o bocado mais afiado cortam-lhe as pernas e os testículos, deixando-o no chão a esvaír-se em sangue.

A vida do acampamento:

O homem a tudo se adapta. Até se acostuma às coisas mais impossíveis, especialmente se estes homens sofrem a pressão do ambiente em que vivem. Que ninguém se assombre disto se desconhece a moral do invasor e do invadido.

Os soldados nos momentos de tranquilidade saem do acampamento e vagam pelos arredores. As jovens moursas acercam-se delas para os ver, para pedir-lhes algo que comer, para saber notícias do invasor que possam beneficiar aos seus, aos invadidos. Os soldados fazem-lhes propostas indecentes...

E o pior do caso é que as menores eram preferidas pelos «civilizados».

Essa a civilização dos espanhóis em Africa, como a dos ingleses, dos franceses, dos americanos, dos portugueses, nas chamadas «suas possessões». É esse o mandato dos financeiros, o resultado de todas as guerras. Nem pode ser outro.

Espanha (ã) pode civilizar ninguém, não pode ter essas pretensões porque é um país onde os analfabetos alcançam 68 por cento, e dos 32 por cento restantes ainda fica uma boa parte que não sabe pegar na pena para escrever umas linhas.

Melilla, Novembro de 1923.

Hana KARDIN

Conferência inter-sindical do Algarve

A necessidade do levantamento moral da organização algarvia

Em A Batalha de 20 e 23 de Novembro, dois camaradas expuseram os seus pontos de vista sobre a necessidade do levantamento moral da organização operária na região do Algarve, que se encontra em verdadeira decadência originada pelo insignificante número de militantes, lembrando a conveniência de esses poucos trabalharem com boa vontade, de maneira a contribuírem para que as organizações de resistência tomem a linha de conduta indispensável para nos defendermos das constantes e persistentes arremetidas da burguesia.

Bela iniciativa! Tam bela que merece o concurso de todos aqueles que têm marcado lugar na organização. E esta, não tenhamos ilusões, atravessa um momento bastante crítico.

Portanto, nada de comodismos; acima dos interesses individuais devemos colocar os interesses da organização porque será esta que há-de desbravar o caminho para a emancipação.

Não é a provincia do Algarve a menos organizada, pois deve contar uns 32 organismos; porém, poucos são os que dão sinal de vida. Existem no entanto localidades onde não há organização, como sejam Loulé, Monchique, Albufeira, Lagos, etc., apesar de terem uma industria muito desenvolvida.

Esta região oferece possibilidades de uma forte organização operária, com localidades muito próximas umas das outras facultando assim a fraternidade e o convívio entre trabalhadores. Além disso tem as suas grandes indústrias em que labutam quantidades enormes de operários, como marítimos, canoas e peles, corticeiros, conservas, etc.

Em presença do que expomos, impõe-se a necessidade duma Conferência inter-sindical algarvia para se entrar em trabalhos práticos, podendo, com melhores resultados, a Delegação Confederal de Propaganda cumprir com mais facilidade a sua missão, alargando o seu raio de acção por todo o Algarve.

Entendemos, portanto, que, sendo a Delegação Confederal o organismo coordenador regional, deve ser perda de tempo tomar a si esse alvitre, estudá-lo convenientemente para que em breve essa aspiração seja uma realidade.

Que se manifestem todos aqueles que sentem amor pela organização e teem responsabilidades.

José da SILVA

Operário sindical

CONFERÊNCIAS

No Grémio dos Funcionários do Município

Na sede do Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa, rua da Madalena, 225, 1.ª, realiza no próximo domingo, 9, pelas 12 horas, o sócio sr. Mário Peixoto Bastos, desenhador de 1.ª classe da Câmara Municipal de Lisboa, uma conferência subordinada ao tema «Processos mecânicos para nivelamentos topográficos expeditos».

Na Alemanha

Em vésperas de ditadura?

BERLIM, 4.—Amanhã será apresentado ao Reichstag o projecto de lei aumentando as prerrogativas do governo que foi aprovado pelo Reichstag. Se o Reichstag não o aprovar o chanceler fará-lhe dissolver procedendo a novas eleições. No interregno parlamentar governará ao abrigo do artigo 48.º da constituição que dá poderes ditatoriais ao governo.

OS REACCIONÁRIOS ESPECULAM

LEON DAUDET

O reaccionário que contra os avançados tem bolsado as piores insidias acusa os anarquistas de lhe terem assassinado um filho!

O anarquista Filipe Daudet suicidou-se!

PARIS, 2. — O grande assunto das conversas, a questão que presentemente se sobrepõe a todas as outras é a da morte de Filipe Daudet, filho do mo-nárquico Léon Daudet.

Há dias o «Petit Parisien» publicou uma noticia insignificante que passou quasi despercebida e que rezava assim: «Um jovem de uns vinte anos tentou suicidar-se, no «boulevard» Magenta, num automóvel, disparando na cabeça uma bala de revólver. O seu estado é grave. Foi conduzido a Lariboisière».

Este jovem era Filipe Daudet, que uma hora depois expirava no hospital.

Pouco tempo antes destes acontecimentos se produziram o anarquista francês Georges Vidal, segundo um largo relato que um número especial do «Libertaire» publicou, foi procurado por um jovem que lhe disse ter abraçado os ideais anarquistas. Esse jovem que apenas revelou o seu primeiro nome, Filipe, entregou-lhe também uma carta fechada, dizendo nesse momento:

—Se souberes que me aconteceu alguma coisa abre esta carta e faz o que entenderes dever fazer.

Quando surgiu a noticia do suicidio desse jovem desconhecido cujos sinais correspondiam aos do rapaz que procurara o camarada Vidal, alguns anarquistas foram certificar-se da verdade a Lariboisière. E só pela «Action Française» soube que, de facto, Filipe era filho de Léon Daudet.

Em presença do caso gravíssimo que se passava e do compromisso tomado com Filipe, no momento em que ele lhe entregara a carta, Vidal publicou um minucioso artigo sobre o acontecimento, acompanhado de um autógrafo da referida carta, que era do seguinte teor:

«Minha querida mãe: Perdoa-me o desgosto imenso que te

causa», mas há muito tempo que eu era anarquista sem confessar-to.

Agora a minha causa chama-me e eu creio ser do meu dever proceder como procedo. Amo-te muito.

P. S.—Dá um abraço aos pequenos da minha parte».

A publicação destes pormenores causou em Paris extraordinária sensação. E Léon Daudet que dispensara a autopsia do filho porquanto o suicidio era evidente, decerto irritado pelo facto de reaccionário, conservador até medula, possuir um filho anarquista publicou na *Action Française* uma carta dirigida ao Procurador da República afirmando estar convencido de que seu filho fora assassinado, carta que era do seguinte teor:

«Disse, na noite de 24 para 25, ao substituto do Procurador da República, que não acreditava no assassinato de meu filho e que me parecia inútil, portanto, proceder a uma autopsia. As informações, porém, que, desde então, não tem cessado de afluir à *Action Française*, singularmente confirmadas pelo número do *Libertaire* que acaba de ser publicado parecem estabelecer, pelo contrário, que meu filho foi assassinado depois de uma atroz maquiagem. Tenho a honra de lhe pedir, pois, que adopte imediatamente todas as medidas que se impõem».

Pretende Léon Daudet insinuar que foram os anarquistas que assassinaram seu filho.

Qualquer pessoa medianamente inteligente compreende a especulação infame que Léon Daudet pretende fazer com a morte de seu filho. Só um homem desprovido de sentimentos, como Daudet, se poderia servir do cadáver ainda quente dum filho como arma política para esgrimir contra os adversários.

DUBOIS

Aos metalúrgicos sem trabalho

Para colaboração com os trabalhos, que a comissão de melhoramentos do Sindicato pretendia levar à prática com o fim único e inalienável de tratar da situação de todos os metalúrgicos sem trabalho, são convidados a comparecerem a uma reunião magna, que se realiza amanhã, às 19 horas, na sede do Sindicato, todos os camaradas que tenham sido suspensos ou despedidos das diversas oficinas, por falta de trabalho, e em especial todos os camaradas em idênticas circunstâncias da Parceria dos Vapores Lisboenses e da casa Parri & Sons.

A comissão de melhoramentos entendendo ter na presente ocasião o ensejo de tratar junto das entidades governamentais de atenuar a crise latente, espera a comparencia de todos os camaradas sem trabalho.

A esta reunião devem comparecer todos os membros da comissão de melhoramentos.

LÊR NA 2.ª PÁGINA:

A questão internacional

— POR —

Manuel Joaquim de Sousa

Dois navios russos

ALGERIA, 4.—Vindos de Petrogrado, Plymouth e Lisboa, estiveram fundeados em frente de Algéria, dois navios da Rússia Soviética, Vieram abastecer-se de carvão e seguiram para o mar Negro. —(E)

**Recordam-se episódios interessantes da I Internacional
que muito elucidam no momento actual**

A BATALHA

EM ALDEGALEGA

O desleixo da Câmara Municipal A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS

ALDEGALEGA, 2.-Agora que se aproxima o inverno, asperos e tempestuosos, as ruas desta vila estão intransitáveis, tornam-se em ribeiras caudalosas e em perigosos abismos. Além do estado intransitável das ruas, há o desleixo de a luz eléctrica se acender tarde e em muitas noites não aparecer. Transitar de noite é um martírio.

A Câmara Municipal, a quem cabem as culpas do estado das ruas e da iluminação, nada faz nem se importa com os prejuízos que o seu desleixo causa à vila e aos que nela habitam.

Mais uma mania, a do jogo da bola, parece ter atingido a mocidade desta vila. No campo, nas ruas e em toda a parte se joga a bola. E o que é mais de lastimar é a atenção que a mocidade trabalhadora a tal jogo dispensa.

Alguns deixam de comer para não faltarem ao desafio e desprezam completamente os seus sindicatos profissionais.

Será verdade? Dir-se que no dia 20 de Novembro no logar do Alatalá, deste concelho, se realizou a procissão da festa da Terra, onde apareceram operários envergando hábitos religiosos.

Praca consciência a desses operários? A carência da vida Continuar a subir escandalosamente os preços dos géneros essenciais à vida. A batalha a 12 escudos a arroba!

Os corticeiros do Barreiro e o horário de Trabalho

BARREIRO, 2.-Notando-se que nesta localidade alguns corticeiros teimavam em desprezar o horário, um numeroso grupo de camaradas resolveu percorrer todas as fábricas convidando os mesmos a abandonar o trabalho (serão).

Esse grupo, depois de ter percorrido todas as fábricas incluindo aqueles que se encontravam a fazer serão a não continuarem, verificou da parte de um tal Zeferino, que faz de guarda livros numa fábrica, o desejo de continuar a traí o horário.

Resolveu o grupo citado percorrer todas as noites a respectiva área não consentindo que esses corticeiros estejam a roubar o seu próprio pão, dos seus filhos e camaradas, pois é para lamentar que haja corticeiros sem trabalho e outros trabalharem mais que o horário. E' uma dupla traição que os corticeiros conscientes não consentirão que se pratique.

Além do acima apontado, ainda temos a lamentar que alguns ferroviários—depois de trabalharem as oito horas nos C. de ferro—vão fazer sério na indústria corticeira.

Convidam-se também esses camaradas a seguir outro caminho e não mancharem a classe a que pertencem, porque é vergonhoso que tendo trabalho numa indústria, estejam a roubar o trabalho aos seus camaradas de outra indústria.

O respectivo grupo mantém-se vigilante na defesa da classe.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Diz-se 50 centavos (custado com as imitações). Vende-se aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rodas, tubos, pipos e tambores, os melhores preços para revenda.

Pedras de CARLOS A. SANTOS Depósito: Rua do Arsenal, 80—LISBOA

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 13 junto ao arco poeirão.

Barreiro Um engraçado...

BARREIRO, 3.-Nesta vila existe numa leitura pertencente ao «Lá Vais», onde em tempos se vendia A Batalha, mas agora, como se lhe metem na cabeça ser monárquico, deixou de a vender. Acaba, porém, o sr. «Lá Vais» de fazer uma escamoteação por sinal... muito engraçada...

Do cartaz que anunciava a saída do suplemento literário de A Batalha, cortou a parte que dizia toda a população deve ler o suplemento... Não durou muito tempo a escamoteação, porque um grupo de camaradas fez o sr. «Lá Vais»... deixar de ser engraçado.

Casa dos Ferroviários Completamente remodelada, abriu ontem a sala de espetáculos da Casa dos Ferroviários, sendo passada no «carreão» a fita O garoto de Charlot, que agradou.

Uma desumanidade José Pardal, maquinista da fábrica Herold, como já não pode trabalhar comia na casa de uns galgos, ao apeadeiro Miguel Pais.

Parece que estes, em virtude de o José Pardal estar doente, chamaram a guarda republicana que o levou para a estação dos caminhos de ferro, deixando-o no barracão do pessoal de via.

Hoje de manhã, como começasse a dar indícios de alienação mental, alguns camaradas foram pedir uma maca ao quartel de bombeiros, mas como ali não existisse o chefe não a poderam trazer. Voltaram a falar com o chefe de

Queda mortal

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de S. José, faleceu ontem José Francisco Moço, de 48 anos, natural e residente na Boa Vista, concelho de Mafra, que, como noticiamos, ali caiu de uma carroça, no dia 17, recolhendo ao hospital em 27 último.

Atropelamento Na enfermaria C 3 C D do Hospital de Santa Maria, deu entrada José Pereira de Almeida, de 5 anos, filho de Joaquim de Almeida e de Maria Ferreira, residente na rua Bernardo Lima, 23, cave, que na Avenida Duque de Loulé, foi atropelado por um automóvel, ficando muito contuso pelo corpo.

Agressão Nesta peça de Zorzi a encantadora elegância dos seus diálogos toca a dum belíssimo relevo literário que a coloca entre as produções de teatro que não perdem o valor quando trazidas do palco para o recanto dum gabinete elegante, e confortável. Não se vá julgar, porém, que o interesse de «A Vena d'Oro» reside exclusivamente na sua féria literária. De maneira alguma. Há nela muitos outros requisitos apreciáveis que lhe dão seu valor, um logar merecido, na galeria das boas obras de teatro. Vejamos: o assunto enquadra-se na lógica da vida, com toda a acidentalidade do sentimento e com todos os cambiantes dos males do coração. E' um caso passionai, como tantos outros, mas onde não intervém desproporcionadamente o impeto das paixões grosseiras, ou a banal pleguista das afecções desesperadas. E' um amor natural, raciocinado, mais engraçado pela aspiração do conforto da alma, do que pela olegância de horas de prazer grosseiro. E' o corolário fatal dum vida desventurada que uma mulher passa, acossada pela solidão e desamparada dum afecto que a encaminha mais de que a acaricie. E' tudo o que há de mais humano, mais que o que há de mais infantilidade, aquele ciúme que a alma do fi-

lho único sabe gerar, quando pensa que a vida da mãe bastará a sua dedicação, sem calcular talvez que, quando se gerava no seu ventre, a sua vida, em volta da mulher se fazia a desesperança e um vazio absoluto de afecção!

Guiglielmo Zorzi na sua perspectiva de dramaturgo experimentado, apercebeu-se que não era bastante pôr em cena este aparente conflito entre duas modalidades afectivas. E o que fez Corto o fio condutor com episódios propo-itadamente lançados a atenuar um prejuízo prolongamento dialogal, episódios que muitas vezes não passam dum simples derivado de conversa, originada da maior banalidade desta vida, como sucede com o pedido que a condessa faz ao poeta, dum abalo que a preserve da corrente de ar, e cuja interrupção no diálogo, prepara melhor ainda a atenção do espectador para o seguimento da sugestiva descrição do poema do poeta Manfredi e em cuja scena, devemos desde já dizer-lhe, Vera Vergani, foi assombrosa na atitude enlevada com que escutou essa discursiva palavra com delicada intenção pelo ator Brizzolari que desempenhava o papel de poeta.

Esta maneira de cortar um diálogo que poderia tornar-se pesado, é uma das grandes faculdades do dramaturgo, e uma das melhores qualidades da peça. Há em «A Vena d'Oro» uma scena soberbamente traçada. E' a do primeiro acto, quando «Conrado» e «Amélia» dispõem quasi em silêncio as flores; as frases curtas mas muito femininas, contrastam eloquentemente com a reserva guardada pelo jovem, evidentemente receoso dos galanteios dum mulher perigosamente requisitadora. Nesta scena a atriz Luíza tem o melhor momento da peça, embora não queiramos negar a justiça das palmas com que o seu trabalho foi coroado quando da scena apresentada em que veladamente, no segundo acto, censura a simpatia de uma mãe pelo poeta Manfredi. A sr.ª Frigério, no papel de «Amélia» agradou inteiramente, salientando-se porém na scena das flores, em que deu muitíssimo bem a nota de coquetterie.

Vera Vergani num papel multíssimo diferente dos que tem feito até agora, diferente em tudo, na situação social, na idade, na conjuntura moral foi incedível de trança lidade, de serena atitude, dando-nos no último acto uma torturação de fisionomia, que só é dado conseguir a uma grande artista.

O actor Magheri, no simpático papel de professor, foi dum bonomia, dum exactidão de detalhes que levaram a plateia a manifestar-se entusiasticamente.

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Beja Importante melhoramento

BEJA, 2.-Realizou-se com enorme concorrência e entusiasmo, a inauguração do serviço do abastecimento de água dos habitantes desta cidade.

Velha aspiração deste povo, que imensamente vem sofrendo a falta de água, este importante melhoramento veio encher de júbilo todas as pessoas que residem em Beja.

Informam-nos que a mesma vereação está empenhada a levar effecto também dentro em pouco tempo a instalação da luz eléctrica e outros melhoramentos dignos de menção.

Devemos fazer justiça registando que todo este eoma de trabalho, deve se a colaboração das classes trabalhadoras e classes médias, porquanto aos outros que nesta cidade vivem sugando criminalmente os habitantes nas suas grandes propriedades e indústrias, agarrados ao seu egoísmo feroz, negando-se a prestar o seu concurso a uma obra de progresso.

Enfim, não obstante existir estas máculas, Beja, em todos os ramos de actividade, continua progredindo, e através dos factos e energias realistas, dentro de poucos anos, pela sua situação estratégica e excelente qualidade e abundância de produção, devia ser uma das primeiras cidades do sul do país.—C.

Portimão Conferência Inter-Sindical

PORTIMÃO, 2.-Acêda da projectada conferência Inter-Sindical, José Ramos alvitou que a delegação do Algarve convide todos os sindicatos desta provincia a pronunciarem-se sobre este magno assunto. Alvitou também a nomeação dum comissão para iniciar todos os trabalhos conducentes ao seu êxito.

Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical na qual usaram da palavra Francisco Viana, José Ramos que produziram veementes afirmações de carácter revolucionário. No final foi aberta uma subscrição para os presos por questões sociais que renderam 275\$00.

COMPANHIA DRAMÁTICA ITALIANA

«LA VENA D'ORO» de Guglielmo Zorzi Um primor literário a peça de Guglielmo Zorzi «A Vena d'Oro» com a companhia italiana preencheu a noite da sua terceira representação. E' significativa a maneira como este admirável grupo de artistas vai conquistando a scena e o publico, apresentando facetas dramáticas em que, mormente a produção teatral italiana, se vai manifestando nas suas várias gradações, ao passo que os artistas gradualmente vão encontrando também no domínio do nosso conhecimento, para que bem os alcandamos na objectiva da nossa apreciação descobrindo perante ela as suas faculdades, marcando as suas condições de adaptabilidade às múltiplas «nuances» da arte dramática, e começando a considerá-las como reais valores, numa companhia onde as proeminências irmanam com as figuras que na hierarquia teatral podem ser tomadas como de menos categoria.

Nesta peça de Zorzi a encantadora elegância dos seus diálogos toca a dum belíssimo relevo literário que a coloca entre as produções de teatro que não perdem o valor quando trazidas do palco para o recanto dum gabinete elegante, e confortável. Não se vá julgar, porém, que o interesse de «A Vena d'Oro» reside exclusivamente na sua féria literária. De maneira alguma. Há nela muitos outros requisitos apreciáveis que lhe dão seu valor, um logar merecido, na galeria das boas obras de teatro. Vejamos: o assunto enquadra-se na lógica da vida, com toda a acidentalidade do sentimento e com todos os cambiantes dos males do coração. E' um caso passionai, como tantos outros, mas onde não intervém desproporcionadamente o impeto das paixões grosseiras, ou a banal pleguista das afecções desesperadas. E' um amor natural, raciocinado, mais engraçado pela aspiração do conforto da alma, do que pela olegância de horas de prazer grosseiro. E' o corolário fatal dum vida desventurada que uma mulher passa, acossada pela solidão e desamparada dum afecto que a encaminha mais de que a acaricie. E' tudo o que há de mais humano, mais que o que há de mais infantilidade, aquele ciúme que a alma do fi-

lho único sabe gerar, quando pensa que a vida da mãe bastará a sua dedicação, sem calcular talvez que, quando se gerava no seu ventre, a sua vida, em volta da mulher se fazia a desesperança e um vazio absoluto de afecção!

Guiglielmo Zorzi na sua perspectiva de dramaturgo experimentado, apercebeu-se que não era bastante pôr em cena este aparente conflito entre duas modalidades afectivas. E o que fez Corto o fio condutor com episódios propo-itadamente lançados a atenuar um prejuízo prolongamento dialogal, episódios que muitas vezes não passam dum simples derivado de conversa, originada da maior banalidade desta vida, como sucede com o pedido que a condessa faz ao poeta, dum abalo que a preserve da corrente de ar, e cuja interrupção no diálogo, prepara melhor ainda a atenção do espectador para o seguimento da sugestiva descrição do poema do poeta Manfredi e em cuja scena, devemos desde já dizer-lhe, Vera Vergani, foi assombrosa na atitude enlevada com que escutou essa discursiva palavra com delicada intenção pelo ator Brizzolari que desempenhava o papel de poeta.

Esta maneira de cortar um diálogo que poderia tornar-se pesado, é uma das grandes faculdades do dramaturgo, e uma das melhores qualidades da peça. Há em «A Vena d'Oro» uma scena soberbamente traçada. E' a do primeiro acto, quando «Conrado» e «Amélia» dispõem quasi em silêncio as flores; as frases curtas mas muito femininas, contrastam eloquentemente com a reserva guardada pelo jovem, evidentemente receoso dos galanteios dum mulher perigosamente requisitadora. Nesta scena a atriz Luíza tem o melhor momento da peça, embora não queiramos negar a justiça das palmas com que o seu trabalho foi coroado quando da scena apresentada em que veladamente, no segundo acto, censura a simpatia de uma mãe pelo poeta Manfredi. A sr.ª Frigério, no papel de «Amélia» agradou inteiramente, salientando-se porém na scena das flores, em que deu muitíssimo bem a nota de coquetterie.

Vera Vergani num papel multíssimo diferente dos que tem feito até agora, diferente em tudo, na situação social, na idade, na conjuntura moral foi incedível de trança lidade, de serena atitude, dando-nos no último acto uma torturação de fisionomia, que só é dado conseguir a uma grande artista.

O actor Magheri, no simpático papel de professor, foi dum bonomia, dum exactidão de detalhes que levaram a plateia a manifestar-se entusiasticamente.

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

CRÓNICA DE COIMBRA

Como são tratados os pobres UMA TREMENDA INFAMIA

COIMBRA, 2.-Razão tinhamos nós quando há dias referimos nos às infâmias e escândalos que dentro dos Hospitais da Universidade se praticam, ferindo os interesses dos pobres e dos desprotegidos, atacávamos o proceder infâmico—de apenas os corpos dos pobres falecidos nos ditos Hospitais serem necessários ao estudo anatómico científico, enquanto ao dos outros—ao dos ricos—era permitido o enterro, indo o corpo para um palácio rico, construído no cemitério.

Dissemos também, que mais alguma coisa viria a público, e, apparece-nos um caso do qual vamos tratar, deixando para mais tarde os outros para debulhar...

Fomos assim forçados inesperadamente a vir ao ataque, condenando mais uma infâmia sem nome, das muitas ignoradas, e esquecidas pelo turbilhão dos muitos afazeres que temos, e que nos arreda um pouco do cumprimento do nosso dever.

Eis o caso: um operário doente, impossibilitado de andar por ter um flandim num joelho, foi forçado pelo seu médico assistente a recolher imediatamente ao Hospital para sofrer uma

operação, por isso ser de absoluta necessidade, pois podia desenvolver-se a gangrena e nessa conformidade a operação seria mais perigosa e dolorosíssima, podendo ser até que originasse o ter de ficar com defeitos físicos, em morrer mesmo.

E por isso, foram tratados os documentos indispensáveis necessários para a sua entrada no hospital. Mas que? A' entrada no hospital, depois de tratado, e quando os amigos que o conduziam supunham que ele ficasse, como era natural,—o porteiro teve um gesto que é bem significativo—fazendo menção de puxar por uma nota, disse:—«eu peço sem escudos se esse doente entrar!» E de facto não entrou.

Apenas o chefe Aires nos poderia informar, mas esse, fechado ao mesmo enigmático gesto convidou o doente a retirar-se, com risco de a doença se agravar.

E é tudo assim pelos hospitais da Universidade!... Acrescentamos mais este pequeno facto: há uma disposição qualquer que determina que todos aqueles que faleçam na via pública—ricos e pobres—terão que ir para o necrotério para ser feito o devido exame médico.

Pois há tempos uma mulherzinha que trabalhava na lavanderia do mesmo hospital, foi acometida de qualquer doença, a vilíssima e o seu corpo em vez de ir como assim está determinado, para o necrotério, seguiu para casa sem que se cumprisse essa disposição!

E segue... Breve, pois, voltaremos! Luz eléctrica Por toda esta semana deve ser inaugurada a tem annunciada luz. Será a esta vez? Tudo indica que sim,—se não houver ainda azarr...—C.

NOTA.—Por um esquecimento lamentável, só agora vamos justificar aos leitores deste jornal um erro imperdoável cometido numa das minhas criticas sobre a ópera de câmara.

Chamei «Jean et Jeannette» a ópera de Offenbach que tem o nome de «Luz e Frederico». E' um erro de «palmaria» que só pode ter absolvição na distração em que trazia o espirito, com o estudo da obra musical do moderno e modernista compositor italiano Luis Cafariero, que é autor dum suite com aquele nome e que passa por ser uma das mais formosas páginas de música moderna descrita.

N. B. Com um variado e magnifico programma realiza-se amanhã no Coliseu dos Recreios uma grandiosa matine, executando todos os artistas novos e surpreendentes números.

Sobre hoje irrevogavelmente a scena no Avenida, a opereta da autoria dos escriptores Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, O João Ratão.

Reclames Damos hoje uma bela noticia: é que o drama histórico Aldear Kilbr cujos versos são impregnados de beleza e interpretados por todos os artistas com sentimento e bela dicção continua por mais algumas noites a representar-se no Teatro Nacional devido a todos os triunfos que o magnifico original português está alcançando.

Poucas mais representações dará em São Carlos a espiroituosissima peça A Vinda do Senhor, embora esteja ainda em pleno êxito, tendo dado uma nova enchente no elegante teatro na recta da moda de ontem.

A Vinda do Senhor repete-se hoje, pela 33.ª vez, e a São Carlos não deve faltar quem quizer passar uma noite divertidíssima.

—A grande atracção em revistas apresenta-se o Apolo, com a Vida Alreda. Entre outros, os sensacionais números de Lina Demol, nos Fados e Canções e O casamento de Zumbá, salientam um êxito enorme, formidável.

—Mais um magnifico espectáculo se realiza hoje no Coliseu dos Recreios com um soberbo programma em que tomam parte todas as celebridades da

Teatros & Cinemas

COMPANHIA DRAMÁTICA ITALIANA

«LA VENA D'ORO» de Guglielmo Zorzi Um primor literário a peça de Guglielmo Zorzi «A Vena d'Oro» com a companhia italiana preencheu a noite da sua terceira representação. E' significativa a maneira como este admirável grupo de artistas vai conquistando a scena e o publico, apresentando facetas dramáticas em que, mormente a produção teatral italiana, se vai manifestando nas suas várias gradações, ao passo que os artistas gradualmente vão encontrando também no domínio do nosso conhecimento, para que bem os alcandamos na objectiva da nossa apreciação descobrindo perante ela as suas faculdades, marcando as suas condições de adaptabilidade às múltiplas «nuances» da arte dramática, e começando a considerá-las como reais valores, numa companhia onde as proeminências irmanam com as figuras que na hierarquia teatral podem ser tomadas como de menos categoria.

Nesta peça de Zorzi a encantadora elegância dos seus diálogos toca a dum belíssimo relevo literário que a coloca entre as produções de teatro que não perdem o valor quando trazidas do palco para o recanto dum gabinete elegante, e confortável. Não se vá julgar, porém, que o interesse de «A Vena d'Oro» reside exclusivamente na sua féria literária. De maneira alguma. Há nela muitos outros requisitos apreciáveis que lhe dão seu valor, um logar merecido, na galeria das boas obras de teatro. Vejamos: o assunto enquadra-se na lógica da vida, com toda a acidentalidade do sentimento e com todos os cambiantes dos males do coração. E' um caso passionai, como tantos outros, mas onde não intervém desproporcionadamente o impeto das paixões grosseiras, ou a banal pleguista das afecções desesperadas. E' um amor natural, raciocinado, mais engraçado pela aspiração do conforto da alma, do que pela olegância de horas de prazer grosseiro. E' o corolário fatal dum vida desventurada que uma mulher passa, acossada pela solidão e desamparada dum afecto que a encaminha mais de que a acaricie. E' tudo o que há de mais humano, mais que o que há de mais infantilidade, aquele ciúme que a alma do fi-

lho único sabe gerar, quando pensa que a vida da mãe bastará a sua dedicação, sem calcular talvez que, quando se gerava no seu ventre, a sua vida, em volta da mulher se fazia a desesperança e um vazio absoluto de afecção!

Guiglielmo Zorzi na sua perspectiva de dramaturgo experimentado, apercebeu-se que não era bastante pôr em cena este aparente conflito entre duas modalidades afectivas. E o que fez Corto o fio condutor com episódios propo-itadamente lançados a atenuar um prejuízo prolongamento dialogal, episódios que muitas vezes não passam dum simples derivado de conversa, originada da maior banalidade desta vida, como sucede com o pedido que a condessa faz ao poeta, dum abalo que a preserve da corrente de ar, e cuja interrupção no diálogo, prepara melhor ainda a atenção do espectador para o seguimento da sugestiva descrição do poema do poeta Manfredi e em cuja scena, devemos desde já dizer-lhe, Vera Vergani, foi assombrosa na atitude enlevada com que escutou essa discursiva palavra com delicada intenção pelo ator Brizzolari que desempenhava o papel de poeta.

Esta maneira de cortar um diálogo que poderia tornar-se pesado, é uma das grandes faculdades do dramaturgo, e uma das melhores qualidades da peça. Há em «A Vena d'Oro» uma scena soberbamente traçada. E' a do primeiro acto, quando «Conrado» e «Amélia» dispõem quasi em silêncio as flores; as frases curtas mas muito femininas, contrastam eloquentemente com a reserva guardada pelo jovem, evidentemente receoso dos galanteios dum mulher perigosamente requisitadora. Nesta scena a atriz Luíza tem o melhor momento da peça, embora não queiramos negar a justiça das palmas com que o seu trabalho foi coroado quando da scena apresentada em que veladamente, no segundo acto, censura a simpatia de uma mãe pelo poeta Manfredi. A sr.ª Frigério, no papel de «Amélia» agradou inteiramente, salientando-se porém na scena das flores, em que deu muitíssimo bem a nota de coquetterie.

Vera Vergani num papel multíssimo diferente dos que tem feito até agora, diferente em tudo, na situação social, na idade, na conjuntura moral foi incedível de trança lidade, de serena atitude, dando-nos no último acto uma torturação de fisionomia, que só é dado conseguir a uma grande artista.

O actor Magheri, no simpático papel de professor, foi dum bonomia, dum exactidão de detalhes que levaram a plateia a manifestar-se entusiasticamente.

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

Acaba de ser posto à venda: História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal por Alexandre Herculanio 3 volumes 18800, pelo correio 19370

LISBOA—Calcada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

minimando para a sua melhoria;

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. **Ilhas** — Encomendas postais, 6 quilos \$600. **Brasil e Países da União Postal** — Pacotes de 2 quilos \$950. **América do Norte** — Pacotes até 5 quilos, \$600.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

—Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

—Eduquemo-nos e instrua-mo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

\$00	Humoraja.
\$00	Vortaro-Kabe.
\$00	Krestomatio-Zamenhof.
\$00	Spoklendareto — 1923.
\$00	Stranga Heredaĵo.
	Vojaĵo interne de mia ĉam-
	bro.
\$00	La fundo de l'pizero
\$00	Bildotabuloj (para conversa-
\$00	ção)
\$00	Enciklopedia Vort.-Verax
\$00	Hebreaj Rakontoj.
\$00	Historio de La Lingvo Es-
\$00	peranto.
\$00	Vivo de Zamenhof-Privat.
\$00	La Reĝo de la Montoj (il-
	Doré)
	Mistero de Doloro.
\$00	Karmen.
	Várias
\$00	«A Renovação». Revista
\$00	letra—Vários números,
\$00	«Educação Popular». Revista
\$00	tada pela Universidade
	lar
\$00	«Vida Natural e Cultura da
\$00	Revista Naturista. N.º
\$00	cada.
\$00	«Postais». 1.º de Maio e
\$00	a \$15 c.
\$00	«Seara Nova». cada.
\$00	«La Revista Blanca» (em
	páŝoj), cada.
ma-	«Páginas Libres» (em espa-
ais	çada
re-	«Novela Vermelha», de vá-
en-	rios, cada.
	«O inglês sem mestre»
	«O francês sem mestre»
	A Internacional (Hino)
	A Batalha (Hino revolucion-
lo	ário)
elo	Dicionário (Cândido Figue-
\$30	
\$80	(a) Obras encadernadas.
	(e) Encadernadas mais 45%

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.
Vende-se nas boas farmácias e drogarias